

Pelos anos de 1500 houve em Portugal o tempo em que os portugueses desvendavam os mares. Tempo dos navegantes. E nossas terras foram descobertas então. Mas como não bastassem as aventuras do navegado mar, pelo fascínio da terra e o desejo de fazer um povo, em nome de El Rey, em nome de Cristo, surgiu um novo homem a quem chamaram paulista e uma nova aventura a que a história denominou o tempo das Bandeiras.

Porque os homens subiram a serra verde do mar, as terras foram alongadas, e porque os homens nelas plantaram seus filhos e suas casas, se fez o povo. E assim, de homem, terra e amor foi feita a Pátria. — João Ramalho, no coração Bartyra, deixou uma cidade que crescería sempre, para alcançar os filhos que partiram sempre. — Os bandeirantes foram aqueles navegantes do sertão que nunca chegariam ao horizonte porque estariam sempre partindo. E assim partem os que não buscam terras simplesmente, mas os que buscam a Liberdade. — E não poderiam ser verdadeiras as pedras verdes de Fernão Dias, porque nada interrompe, quem, desvaído, planta mas prossegue, em busca de um fim além do homem e do horizonte. — Sonhadores nos legaram a liberdade da terra enquanto no reduto de Palmares os negros nos ensinaram a liberdade do homem.

João Ramalho, no coração de Bartyra, deixou uma cidade onde, à beira de um rio, outro filho gritou a liberdade que ficou e se estendeu às terras todas habitadas pelos filhos que partiram.

O Império, por seus homens, cresceu e se engrandeceu até que a História, fazedora de repúblicas, fez a República, que pela ação do tempo e do homem cresceu e se corrompeu...

Era a República cansada; era a República deturpada. O Brasil vivia sob a lembrança de Ruy e esquecido de Ruy. Impunha-se uma reação. Ela veio no sentido e no resultado da Revolução de 30, pela mão do idealismo sadio da Aliança Liberal; a Aliança Liberal que saiu pelo Brasil inteiro gritando por um Brasil melhor; por um Brasil ausente. Era a palavra velha dos moços: velha na tradição de liberdade e de patriotismo, de um patriotismo num sentido desconhecido mas um sentido autêntico, num sentido autêntico porque desconhecido. Mas a Revolução foi traída. Seus traidores andam por aí a viver ainda do seu mérito, dos méritos que ela teve mas que creditou a poucos. Não veio a Constituinte prometida mas evitada sempre. Era o início da carreira de traição e mentira do homem que se tornou beneficiário dela. A Avenida Rio Branco se tornou um grande curral urbano dos traidores da Revolução. E a Constituinte não vinha, não vinha nunca.

Faltava a voz de São Paulo. E São Paulo estava mudo porque não podia ter duas vozes; duas vozes; duas vozes que falavam, em tons diferentes, a mesma língua de revolta, porque ressentimentos antigos não permitiam o côro. Mas haviam de unir-se, como se uniram, no grito unísono do 9 de Julho.

Se existe ainda epopéia, se a epopéia tem ainda um sentido que se prolonga no tempo, o Nove de Julho foi uma epopéia, o marco inicial de uma grande epopéia. Ainda ressoa no ouvido dos paulistas de duas gerações a marcha militar com que a velha Rádio Educadora Paulista anunciava as notícias do Nove de Julho em marcha. "Paulistas! Paulistas! Vamos fazer Revolução!". Era São Paulo unido a lutar pela Lei, no início da era do "ora a lei...". O sangue dos paulistas que caíram em 32 se misturou às lágrimas das mulheres que choraram êsse sangue e da mistura sagrada dos sacrifícios dos paulistas nasceu a vitória da Revolução... derrotada no campo de batalha. Era a remissão de muitas vidas e de muito sangue e de muitas lágrimas. Mas não morrera no coração de muitos brasileiros aquela velha vocação de traição. Então se escreveu em um livro:

Aos paulistas que, mortos, caíram em 32.

Aos paulistas que, vivos, não caíram depois de 32.

Aos paulistas que, mortos, caíram em 32.

Aos paulistas que, vivos, não caíram depois de 32.

Palavras dirigidas a muitos mortos e poucos vivos.

O Nove de Julho foi esquecido. Porque não significou uma luta pela Lei e pela Constituição mas uma luta pelo seu Espírito; e êsse espírito vai longe, muito mais longe do que pode alcançar a visão curta dos pequenos homens. Os homens que aderiram, que transgiram, que traíram porque isto lhes pareceu mais vantajoso do que continuar fieis aos ideais de 32.

A Revolução de 30 fôra traída por brasileiros que esqueceram o Brasil. A Revolução de 32 foi traída por paulistas que esqueceram o Brasil; porque o estômago está muito mais perto do coração do que a terra da Pátria que os pés pisam, mas que não sentem porque são cegos e insensíveis. E veio a pilhagem. E a pilhagem continua. 32 está longe e é fácil esquecê-lo. A terra é grande e rica. Seu povo é pobre. Há imagens desoladoras de miséria e de tristeza nos campos que a terra não molha nem a lágrima umedece; porque não há lágrimas. Há cidades grandes; grandes em luxo e grandes também em miséria urbana, essa triste miséria dos homens que dormem à escada das igrejas, ironia de um Cristo esquecido, aquele mesmo Cristo que inspirou a conquista da terra virgem em nome de El Rey. Há terras que foram libertadas no passado mas não foram distribuídas no presente. Terras de poucos homens. Há prisões também para os que roubam pão. A ditadura foi uma escola de crimes e uma universidade do roubo. Seus doutores mais ilustres andam por aí a pregar redenção; até as palavras não tem mais sentido, porque o crime é usado no sentido de virtude, e a virtude é escondida para que não inspire riso. Nas Câmaras Legislativas fazem-se leis, sim; a qualquer preço. A Justiça Social é corrompida por aqueles homens que detestam as revoluções. Mas há uma solução: a única e a última. A solução que viria daqueles homens que, vivos, não caíram depois de 32. O significado do Nove de Julho vai muito além da visão curta dos que o traíram porque não o puderam entender ou dos que o entenderam mas acharam mais fácil trai-lo.

E continuam vivas as palavras do cronista de 32:

Aos paulistas que, mortos, caíram em 32.

Aos paulistas que, vivos, não caíram depois de 32."

